

AMANHÃ O QUE SERÁ? INTERVENÇÃO COM GRUPO DE MÃES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES AUTISTAS

LUCAS DO AMARILHO SILVEIRA¹; ERIKA SCHEIDT GÖRGEN²; MARIA CRISTINA MIRITZ DA SILVA²; VANESSA DE GUSMÃO SANTOS²; MARTA STREICHER JANELLI DA SILVA³.

¹Universidade Federal de Pelotas – lucas.amareilho@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – erika_gorgen@hotmail.com, cris.miritz@hotmail.com,
gs.nessa@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – martajanelli@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A família representa o sistema nucleador de crescimento e de experiências do ser humano, pois somos seres sociais e é onde a experiência de viver em grupo inicia-se. A família é também responsável pelos níveis de desempenho ou de falha, portanto, constitui a unidade básica de doença e saúde (Ackerman, 1986). É fundamental, nesse contexto, a relação mãe-filho para o estabelecimento de relações harmoniosas entre indivíduo e o mundo circundante, já que todos nascem como indivíduos desprotegidos e parasitários (Bowlby, 1985).

A atuação social da família é fator primordial no aprendizado social de todos os membros, entretanto, na família de crianças autistas, essa atuação tem limites, em virtude dos déficits que interferem em seu desempenho e capacidade adaptativa, levando as famílias ao isolamento social. Consequentemente, as famílias acabam não concretizando sua função de inserir o indivíduo na sociedade ou garantir a manutenção da prosperidade ou garantir a reprodução da força de trabalho (Vasconcelos, 1988).

O autismo pode ser entendido, segundo a Classificação Internacional de Doenças (CID-10), como um transtorno invasivo do desenvolvimento, definido pela presença de desenvolvimento anormal e/ou comprometimento que se manifesta antes da idade de três anos e pelo tipo característico de funcionamento anormal em todas as três áreas: de interação social, comunicação e comportamento restrito e repetitivo.

Sendo assim, em grupos, fortalecer as mães para que consigam desenvolver estratégias de enfrentamento é pontual para o êxito no contexto deste trabalho, tendo como outros objetivos, qualificar graduando para o atendimento como agentes multiplicadores com uma visão crítica e ampliada do transtorno do espectro autista (TEA); assegurar aos graduandos a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre as diversas formas de abordagem e intervenção junto às famílias das crianças com TEA, tendo como a meta mais ambiciosa elevar a qualidade de vida destes familiares; estimular o desenvolvimento e a divulgação de pesquisas e estudos relativos ao TEA, tanto do ponto de vista teórico-conceitual, quanto do ponto de vista instrumental e aplicativo; redução do estresse parental.

Dessa forma, o presente projeto de extensão visa reduzir os danos do impacto do transtorno do espectro autista na vida das mães (ou seus substitutos) das crianças e adolescentes com este transtorno.

2. METODOLOGIA

A formação dos grupos de apoio ocorrerá em pequenos grupos pela necessidade de apropriação das vivências cotidianas e troca de experiências entre os membros de cada grupo, ocorrendo duas vezes por semana formando grupo de três (03) mães (ou cuidadores), com tempo de 30 minutos para cada grupo e totalizando cinco (05) grupos, por turno (matutino ou vespertino), no Núcleo de Neurodesenvolvimento da Universidade Federal de Pelotas.

Antes de iniciar as rodas de conversas com os pais houve revisões e discussões bibliográficas realizadas pelos integrantes do projeto, aplicação do(s) questionário(s) com os pais para, então, ocorrer a formação de grupos de apoio para familiares.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notou-se uma aderência maior dos pais que tinham seus filhos em terapias como: dançaterapia, musicoterapia, psicopedagógica resultando em um importante suporte conjugal e social exercendo uma função fundamental na adaptação das famílias que possuem um membro com alguma condição especial.

No que se refere às atividades profissionais, os pais costumam estar comprometidos com as suas atividades fora de casa e, conseqüentemente, as mães mostraram significativamente mais estresse do que os pais (Moes e colaboradores, 1992; Henderson e Vandenberg, 1992), pois é comum abandonarem suas carreiras profissionais e passarem a dar maior atenção e providenciar os cuidados necessários para o cotidiano do filho autista, ex.: alimentação, consultas médicas, vestir, medicação, etc., arcando com a maior parte das obrigações para com o filho, por conta disso, tendendo a apresentar maior risco de crise e estresse parental.

Também foi visto a forma como a família percebe e utiliza os recursos intra (ex.: apoio conjugal no manejo) e extrafamiliares (ex.: serviços da comunidade, escolas ou clínicas) tendendo a exercer um efeito direto sobre a adaptação materna as demandas diárias. Observamos ainda um Baixo nível de coesão entre os pais, assim como a presença de conflitos conjugais e familiares, têm sido apontados como correlacionados às dificuldades de ajuste da criança.

Sobre o apoio recebido algumas mães, declararam sentirem-se apoiadas na participação dos grupos, ao receberem acolhimento psicológico, informativo (ex.: informações sobre autismo, esclarecimento sobre funcionamento do filho). As mães referiram ainda, receber importantes orientações em relação ao manejo com seu filho, assim como sugestões para os cuidados consigo mesma, tais como: manejo dos conflitos pessoais e indicação para psicoterapia.

4. CONCLUSÕES

A revisão de literatura nos possibilitou e contribui para que percebêssemos que pais de crianças autistas, em especial as mães, mostraram-se constantemente expostas a pressões internas e externas o que acabava por gerar um grande sofrimento psíquico, expressados por sentimentos de culpa, preocupações, medo, angústia, impotência, impossibilidade de realizar seus desejos e fantasias,

frustração, luto pela perda do filho imaginário e tristeza. Sendo assim faz necessário o uso de intervenções emocionais para a família, para que possam se adaptar a esse filho conforme suas necessidades.

Estudo de Shu, Lung e Chan (2000), que investigaram o impacto de crianças autistas sobre a saúde mental de suas mães, encontrou transtorno psiquiátrico menor em 33% das mães integrantes da amostra do referido trabalho, demonstrando a necessidade de serem desenvolvidas habilidades para o domínio e adaptação às situações de estresse (coping).

Por conta disso, foi analisada a presença ou não de estresse familiar, também compreendido como resultado da adaptação, e a forma como a família lida com os desafios impostos pela especificidade do autismo. Deste modo, o estresse familiar varia não apenas em função do excesso de demandas por cuidados do filho, mas em função dos resultados das estratégias que a família utiliza para lidar com as dificuldades derivadas desta condição.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACKERMAN, N. **Psicoterapia de la família neurótica**. 3ª. Edição. (1986). Buenos Aires: Hormé.

BOWLBY, J. **Apego e perda**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. v. 1: Apego.

HENDERSEN, D. e VANDENBERG, B. **Factors influencing adjustment in the families of autismo children**. (1992). Psychological Report, 71, 167-171.

Organização Mundial da Saúde. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas (D. Caetano, Trad.). (1993). Porto Alegre: ArtMed.

SHU, B. C.; LUNG, F. W.; CHAN, Y. Y. **The mental health in mothers with autistic children: a case-control study in southern Taiwan**. (2000) Kaohsiung Journal Medicine Science, 16, 308-314.

VASCONCELOS, R, M, A, R, L. **Autismo infantil**: a importância do tratamento precoce. (1988). Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/76.%20autismo%20infantil%20-%20a%20import%C2ncia%20do%20tratamento%20precoce.pdf. Acesso em: 11 out. 2013.